

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
Centro de Humanidades
Departamento de Ciências da Informação
Curso de Biblioteconomia

CLARA DE OLIVEIRA SCHIELKE

**A ARQUITETURA DA CIDADE DE FORTALEZA COMO FONTE DE
INFORMAÇÃO HISTÓRICA: EM FOCO O ESTORIL E O TEATRO SÃO JOSÉ**

Fortaleza
2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
Instituto de Ciências da Informação
Curso de Biblioteconomia

Clara de Oliveira Schielke

Fortaleza, 20 de maio de 2007

**A Arquitetura da Cidade de Fortaleza como Fonte de
Informação Histórica: Em Foco o Estoril e o Teatro São José**

Monografia apresentada ao curso
de Biblioteconomia, da
Universidade Federal do Ceará
como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel,
em Biblioteconomia.

Orientação: Prof^a MSc. Rute
Batista de Pontes.

**Fortaleza
2007**

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre me deu a força necessária para superar todas as dificuldades e para chegar até aqui.

Aos meus pais, por todo o amor, carinho e apoio que me deram ao longo de toda a minha vida.

Aos meus irmãos, por sempre estarem ao meu lado e por serem meus grandes amigos.

Aos meus amigos, por sempre me incentivarem e por serem meus grandes companheiros.

Aos meus professores, por sempre me ensinarem e por serem meus grandes orientadores.

Aos meus colegas, por sempre me ajudarem e por serem meus grandes parceiros.

Ao Prof. Me. Dr. [Nome], por sempre me ensinar e por ser meu grande orientador.

Ao Meu Senhor Jesus, que nunca me desamparou nas horas em que mais precisei de apoio e conforto.

AGRADECIMENTOS

A **Deus** por sua infinita Bondade e Misericórdia para comigo e com os meus.

Ao Meu pai, **Ricardo Segadilha**, exemplo de coragem que me impulsiona a seguir em frente, e também, a sua esposa **Ana Cléa**.

À minha mãe, **Dalva** por suas orações em meu nome.

Aos meus irmãos, **Dora, Maisa e Alexandre** pelos momentos bons e ruins que sempre dividimos.

Aos meus amigos **Vanessa e João Paulo**, pelo companheirismo e dedicação ao longo desses anos.

À minha amiga **Marla Sales**, por todos os momentos compartilhados, felizes e engraçados que tornaram nossa amizade mais sólida. Ensinando-me que um verdadeiro amigo não é apenas aquele que diz o que queremos ouvir, mas aquele que nos põe de frente com a verdade, mesmo que essa não nos agrade.

A alguém especial e fundamental em minha vida, **Márcio Alves**, que me mostra todos os dias o quanto é bom ter quem se ama ao lado.

À **Profa Msc. Rute Batista de Pontes**, orientadora deste trabalho que me ensinou o verdadeiro significado do saber.

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.

Paulo Freire

Amo ou venero poucas pessoas. Por todo o resto, tenho vergonha da minha indiferença. Mas aqueles que amo, nada jamais conseguirá fazer com que eu deixe de amá-los, nem eu próprio e principalmente nem eles mesmos.

Albert Camus

RESUMO

Apresenta-se a arquitetura da cidade de Fortaleza, no que se refere aos patrimônios locais, tendo como foco o Estoril e o Teatro São José sob a ótica da história. Objetivando-se fundamentar, teoricamente, esta pesquisa, aborda-se o aspecto conceitual sobre arquitetura, buscando através da mesma estabelecer relações entre o passado, o presente e o futuro. Desta forma, reflete-se sobre o objeto de estudo realçando também seu valor simbólico, situando-o como móvel de transformação social e fonte de informação dentro da perspectiva acima aludida. Reflete-se sobre o seu significado e uso nos modos de vida da sociedade. Ressalta-se a temática, Fonte de Informação e o significado e uso dessas fontes, sob as perspectivas histórica e cultural, destacando-as como fundamentais para complementação do referencial teórico. Apontam-se os aspectos metodológicos, que nortearam a produção e elaboração deste estudo, no que se refere ao método da pesquisa, bem como os instrumentos utilizados para a coleta de dados, a análise dos dados revelou que os locais em pauta são reconhecidos como co-partícipes da história local, e, os reitera como fontes de informação em resposta às questões levantadas inicialmente dentro da problemática. Infere-se, pois, que o trabalho em relevo indica para a abertura de caminhos delineando outros recortes um futuras investigações sobre o assunto, acenando com a possibilidade de alguns avanços nas áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação, de modo especial, na disciplina Fontes de Informação.

Palavras-chave: Arquitetura de Fortaleza. Fonte de Informação. História de Fortaleza. Patrimônio. Estoril. Teatro São José.

ABSTRACT

It is presented architecture of the city of Fortaleza, as for the local patrimonies, having as focus the Estoril and the Theater Is Jose under the optics of history. Objectifying itself to base, theoretically, this research, approaches the conceptual aspect on architecture, searching through the same one to establish relations between the past, the gift and the future. Of this form, one inside reflects on the study object also enhancing its symbolic value, pointing out it as mobile of social transformation and source of information of the perspective above alluded. One reflects on its meaning and use in the ways of life of the society. One standes out thematic it, Sources of Information and the meaning and use of these sources, under the perspectives historical and cultural, detaching them as basic for complementation of the theoretical referencial. The metodológicos aspects are pointed, that had guided the production and elaboration of this study, as for the method of the research, as well as the instruments used for the collection of data, analyze it of the data disclosed that the places in guideline are recognized as co-participants of local history, and, reiterates them as sources of information in reply to the questions raised initially inside of the problematic one. It is inferred, therefore, that the work in relief indicate for the opening of ways delineating other clippings one future inquiries on the subject, waving with the possibility of some advances in the areas of the Biblioteconomia and Ciência of the Information, in special way, in it disciplines Sources of Information.

Word-key: Architecture of Fortaleza. Sources of Information. History of Fortaleza. Patrimony. Estoril. Theater Is Jose.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	15
2.1 Origem, Definição e Interdisciplinaridade	15
2.2 Fontes de Informação.....	20
3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CIDADE: SUA ORIGEM E DESENVOLVIMENTO.....	25
4 HISTÓRIA DA ARTE E DA ARQUITETURA	32
4.1 A Arquitetura enquanto Linguagem.....	42
5 A ARQUITETURA ENQUANTO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL: ESTORIL E TEATRO SÃO JOSÉ.....	45
6 METODOLOGIA.....	53
7 ANÁLISE DOS DADOS	55
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

Pode-se considerar a arquitetura como um produto cultural, um objeto passível de transmitir informações históricas que possibilitam conhecer os hábitos, costumes, cultura, a história de uma época, através do estudo de suas construções. A arquitetura também pode ser vista como uma arte digna de contemplação, como realça Colin (2000, p. 25), com muita propriedade:

Considera-se tradicionalmente a arquitetura como uma das belas-artes, juntamente com a escultura, a pintura, a música e o teatro. Este critério exclui grande número de edifício ao nosso redor. Para ser considerada arte, além do atendimento aos requisitos técnicos, como a solidez estrutural e a qualidade dos materiais e das demandas utilitárias, como a adequação dos espaços ao uso, deve o edifício tocar a nossa sensibilidade, nos incitar à contemplação, nos convidar à observação de suas formas, a textura das paredes ao arranjo das janelas, ao jogo de luz e sombras, às cores, à sua leveza ou solidez. É preciso que todos estes elementos estejam, submetidos a um princípio que lhe dê unidade, e este princípio seja claramente perceptível. Assim, pela observação podemos descobrir uma intenção de fazer algo destinado a nos emocionar, como uma bela melodia nos emociona, ou uma bela pintura.

A cidade é composta pelos mais variados estilos arquitetônicos. Exemplifica-se a arquitetura contemporânea, futurista, assim como também aquela que, para alguns, é tida como obsoleta. No entanto, cada um desses estilos compõe uma história, um passado que, certamente, está relacionado com a memória daqueles que o cercam, transformando-se, conseqüentemente, em patrimônio, que carregará por tempos a história social, cultural, a vida.

Arquitetura, memória, patrimônio e informação, cada um desses termos possui um significado que lhes é peculiar, como também um vínculo que, para alguns, não é tão evidente quanto o sol que surge toda manhã.

A história das origens de um povo, não está apenas nos livros, ou na memória dos mais velhos; ela, também, está nas construções que compõem a paisagem de uma cidade. Quando se percorre por lugares diversos, no caminho podem-se observar diversos tipos de construções, ambientes e, durante este percurso passa-se muitas vezes por esses lugares totalmente despercebidos, desprezando o conteúdo histórico para além dos tijolos.

A arquitetura urbanística que se encontra em cada esquina, rua, bairro, é uma característica marcante do processo histórico de evolução, de transformação social de um lugar. Algumas construções são tão modernas, enquanto outras tão antigas, porém, independente do seu tempo de existência ou de suas características futuristas, ou não, cada ambiente desse possui um elo com a história local e com o seu presente, carregando consigo um conteúdo informacional riquíssimo. Talvez ao olhar-se para esses patrimônios, de imediato, provavelmente não se verá além de construções; mas ao deixar de lado, por um instante, o olhar materialista e, se apreciar criticamente ver-se-á o passado nas rachaduras das paredes, na perda de vivacidade das cores, no piso gasto e ao observar, mais intimamente, poder-se-á ver a essência dessas construções, sua época; o passado, deixando marcas e através delas um depoimento dirigido a um olhar mais aguçado.

Mas, que fique claro, que não se encontrará inúmeras e importantes informações apenas em construções antigas; pelo contrário, serão encontradas, também, em obras arquitetônicas não tão antigas, e muitas até atuais. E o que torna essas obras arquitetônicas diferentes em seus estilos e tempos, em comuns, é o caráter informacional que possuem e a comunicação de suas informações que ultrapassam a barreira do tempo, resultando na história de uma sociedade.

A essência da contemplação consiste em se captar o significado do objeto contemplado, desprovido de qualquer materialismo que iniba a absorção da idéia que consiste naquele objeto que se observa no intuito de se descobrir o conteúdo enigmático que guarde dentro de si, não com o objetivo de esconder, mas sim de despertar o interesse da descoberta.

Tal colocação, pessoal, explicaria o porquê de se perceber uma cidade cheia de significados que ultrapassam os limites do tempo e que gritantemente, pedem para serem encontrados. Cada construção que compõe uma cidade clama por olhares curiosos, olhares que busquem além de suas paredes, que possam visualizar a história daquele monumento, a importância em suas vidas. As experiências passadas coexistem virtualmente com as "novas", lembrando,

dialogando e indicando possíveis outros caminhos. (CHARTIER, 1990)

A citação acima nos remete à idéia sobre os objetivos históricos, a importância de estudá-los e relacioná-los, para assim poder identificá-los como participantes da história de uma sociedade, cada um com suas próprias características. É deslumbrante o interesse que um determinado objeto é capaz de despertar nas pessoas, quando se encontram enquanto seres sociais, e voltam seus olhares críticos para os mais variados monumentos que os cercam e os cercaram durante toda uma vida, e descobrir neles outras vidas que antecederam às suas, outras épocas; é descobrir o seu passado.

Provavelmente, tal ponto de vista pareça utópico, mas é possível conhecer um pouco da história através de construções bruscas, mal-feitas e até mesmo deterioradas pelo tempo, mas que insistem em existir para poder transmitir todo o seu conteúdo histórico que certamente pode ser associado ao contemporâneo. Portanto,

O passado por si só nada vale, só tem sentido se visto como alguma coisa que conserva e sobrevive no presente; impregnando-se nos contornos das ruas e na atmosfera das cidades, fazendo ressoar passos. (ROSSI, 1995, p. 61)

Partindo desta idéia o objetivo geral deste trabalho é identificar algumas das obras arquitetônicas da cidade de Fortaleza, como depoimentos vivos de um período social e cultural, preencher de informações e significados dessas obras, tradutores da sua própria história.

De maneira específica objetiva-se também, verificar a relação da história atual com o passado, através da arquitetura, realçar o caráter que a cidade e as suas construções trazem consigo e por fim, mas não menos importante, evidenciar os patrimônios históricos, Estoril e Teatro São José como marcas indeléveis na memória de uma época, plena de possibilidades em termos culturais e sociais.

A estrutura física desta investigação está organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo, uma breve explicação sobre a história das cidades,

problematizando o tema e relacionando-o com a justificativa e os objetivos que compõem o mesmo. No segundo capítulo aborda-se a Ciência da Informação como também sua interdisciplinaridade, situando as diferentes fontes de informação. No terceiro capítulo um breve histórico sobre a história das cidades, no quarto, tem como foco a história da Arte e da Arquitetura, seu conceito e significado. No quinto capítulo é abordada a Arquitetura como Patrimônio tendo como foco o Estoril e o Teatro São José. No sexto, é abordado o desenho metodológico seguido do sétimo, onde realiza-se a análise dos dados. No oitavo capítulo, as considerações finais deste trabalho, que buscam de forma despretensiosa, possibilitar a compreensão da pesquisa, bem como de modo especial à relação da Biblioteconomia com outras áreas do conhecimento, como a Arquitetura. O estudo proporcionou a pesquisadora ampliar seu leque de informações e conhecimentos bem como apresentou-se como esclarecedor quanto às possibilidades de abertura de caminhos outros, os quais podem contribuir para o avanço da área em questão.

2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

2.1 Origem, Definição e Interdisciplinaridade

As origens da Ciência da Informação remontam ao ano de 1948, com o nascimento da primeira grande sociedade científica dos Estados Unidos, a American Society for Information Science (ASIS). Ao final da década de 50 ocorre, no Reino Unido, a fundação do Institute of Information Scientist, assinalado por Foskett (1969) e Ingwersen (1992) como marco na história desta ciência em formação. Segundo Le Coadic (1996) também esta é a época, indicada pela literatura, e, que o termo é utilizado pela primeira vez para designar o estudo do conhecimento registrado e sua transferência, num sentido mais amplo.

Na década de 60, surgem os primeiros conceitos e definições. Ocorrem os debates sobre as origens e fundamentos teóricos, a identificação dos marcos, o estabelecimento das relações interdisciplinares com os outros campos do conhecimento e se vislumbra a atuação dos profissionais desta nova era. Também no início desta mesma década, constata-se o registro oficial da Ciência da Informação, durante evento promovido pelo Georgia Institute of Technology (Estados Unidos).

No ano de 1996, Milkailov, diretor do Viniti, de Moscou, lança o trabalho Informatika, estabelecendo um novo nome para a teoria da informação científica, que passa a representar a corrente soviética de Ciência da Informação. Ao final da década, outro fato marcante para estabelecimento da Ciência da Informação evidencia-se na transformação do American Documentation Institute em American Society for Information Science. Consolida-se, então, em definitivo, a expressão Ciência da Informação dentro da nomenclatura que abrange essa área.

Existe um consenso entre os autores ao admitir que as origens da Ciência da Informação encontrem-se na Biblioteconomia, em especial nas áreas de documentação e recuperação da informação, e que seu surgimento está intimamente ligado à revolução científica e técnica que se seguiu à II Grande

Guerra, em especial ao desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs (SARACEVIC, 1996; INGWERSEN, 1992; LE COADIC, 1996). Mais tarde, afirmou-se que a Comunicação, a Epistemologia, a Sociologia, a Sociolingüística, a Psicolingüística, a Teoria da Informação, a Matemática, a Ciência da Computação e a Psicologia foram disciplinas que influenciaram e ainda influenciam a Ciência da Informação.

Pode-se dizer que a Ciência da Informação teve sua origem no bojo da revolução científica e tecnológica que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, ocasionada pela explosão informacional, ou seja, o crescimento exponencial da informação, principalmente as de cunho científico, que desencadearam uma série de problemas relativos à recuperação e acesso a essas informações que se tornavam cada vez mais importante no processo de desenvolvimento científico e tecnológico.

Na tentativa de definir a Ciência da Informação, é possível defini-la como sendo uma área do conhecimento que tem por objeto de estudo a informação, estudando desde sua gênese até o processo de transformação de dados em conhecimento.

CI é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, forças que governam seu fluxo, e os meios de processá-lo para aperfeiçoar a sua acessibilidade e uso. A CI está ligada ao corpo de conhecimentos relativos à origem, coleta, organização, estocagem, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e uso da informação. (BORKO apud SARACEVIC, 1996, p. 45).

Entende-se por informação como sendo o resultado do processamento, manipulação e organização de dados de tal forma que represente um acréscimo ao conhecimento da pessoa que a recebe. A informação enquanto conceito carrega consigo uma diversidade de significados, do uso cotidiano ao técnico. Genericamente, o conceito de informação está intimamente ligado às noções de comunicação, dados, instrução, conhecimento, significados, estímulo, percepção e representação do conhecimento.

A informação permeia todas as áreas do conhecimento humano, e em cada uma delas apresenta-se de forma diferente, sendo impossível estabelecer

um consenso sobre seu sentido e significado. Mas mesmo na ausência conceitual o fenômeno informação torna-se tão essencial no contexto da ciência que fundamental foi o desenvolvimento de uma disciplina e, posteriormente, uma ciência que se propusesse a estudá-la em profundidade, apresentando teorias que fossem capazes de explicar processos gerais de sua geração, assimilação e uso.

A Informação tem um importante papel desde a antiguidade; os gregos, por exemplo, faziam uso do termo para administrar a polis através da argumentação, uma vez que o sistema político existente prestigiava a palavra, o saber e a comunicação.

Analisando sua terminologia, nota-se que a informação é um substantivo feminino, que pode ser tanto ação de informar(se) quanto a de averiguar, buscar, inquirir, investigar. No que se refere à etimologia clássica do vocabulário, constata-se que a palavra informação tem sua origem no latim, deriva do verbo *informare*, que significa dar forma, colocar em forma, mas também representar uma idéia ou noção.

Neste sentido a informação representa duas fases: uma estática e outra dinâmica. A fase estática compreende o momento da criação e delimitação do pensamento/mensagem, isto é, uma vez que assumiu uma forma, é então comunicada. A fase dinâmica corresponde à emissão, codificação, transmissão, decodificação e recepção desta mensagem. Em outras palavras, pode-se dizer que a informação assume dois sentidos: significa ao mesmo tempo o resultado do ato de informar (conteúdo) e o próprio ato (forma). Enfatizando empresta-se de Pires (1998, p.7) o seguinte:

Informar é dar uma forma ou um suporte a uma vivência pessoal ou a uma imagem mental do emissor, estando à forma associada a uma série de signos e símbolos convencionais que objetivam tal forma, de modo a torná-la transmissível.

Sendo assim a Ciência da Informação surgiu devido a uma necessidade apresentada por um grupo de pesquisadores e estudiosos que acompanhando a

evolução da ciência e tecnologia detectou a ausência de investigações da informação que se tornava elemento-chave para o desenvolvimento científico e tecnológico da época.

É válido ressaltar que mesmo antes do surgimento da Ciência da Informação, outras ciências já haviam se ocupado de investigar a informação, só que aplicavam suas teorias direcionadas às suas áreas específicas de concentração. Um exemplo típico é a Teoria Matemática da Informação que nascida em um ambiente de engenharia, desenvolveu o conceito técnico da informação, aplicando teorias que a quantificavam e explicavam processos relativos à transmissão de sinais em determinado canal.

A Ciência da Informação ao contrário de outras ciências, não se ocupava da informação apenas como parte de um contexto maior e, sim, como cerne de investigação, sua própria essência, evidenciando os fenômenos relacionados diretamente a ela.

Quanto a sua interdisciplinaridade os autores pesquisados são unânimes em considerar a Ciência da Informação como uma ciência interdisciplinar. A interdisciplinaridade estabelece-se como uma tentativa de unidade do saber, em oposição à fragmentação estabelecida pela disciplinaridade. Para Fazenda (1995, p.18) a questão da interdisciplinaridade “[...] anunciava a necessidade de construção de um novo paradigma de ciência, de conhecimento, e a elaboração de um novo projeto de educação, de escola e de vida.”. Desejava-se “[...] orientar as ciências humanas para a convergência, trabalhar pela unidade humana.” (FAZENDA, 1955, p. 19). Os séculos anteriores registraram o crescimento das disciplinas, na medida em que a sociedade evoluía e demandava a formação de especialistas. Para atender essas demandas, as universidades criaram novas disciplinas, conduzindo a uma fragmentação cada vez maior do saber. A interdisciplinaridade surge então como um movimento que objetiva reintegrar estes conhecimentos, buscando unificar a ciência. No entender de Japiassu (1976, p. 25), a interdisciplinaridade pode ser vista como um protesto contra:

- a) um saber fragmentado, pulverizado numa multiplicidade de especialidades na quais cada uma se fecha como que para fugir do verdadeiro conhecimento;
- b) a esquizofrenia intelectual que está levando a um divórcio crescente entre uma universidade cada vez mais compartimentada, subdividida, setorizada e uma sociedade, dinâmica e concreta, onde, por um lado, a vida é vista como um todo complexo e indissociável e, por outro, esta mesma sociedade limita e condiciona os indivíduos a funções estreitas e repetitivas, alienando-os de si mesmos;
- c) o conformismo das situações adquiridas e das idéias impostas ou recebidas.

Vista sob este aspecto, a interdisciplinaridade é fundamentalmente, uma tentativa de unidade do saber e sua aceitação torna-se cada vez mais forte, especialmente a partir da metade do século XX, com surgimento de novas teorias, como Teoria da Informação, de Shanon.

Os anos 60 e 70 também registraram importantes eventos e organizações que discutiram e promoveram programas, teorias, metodologias interdisciplinares, como por exemplo, a Association for Interative Studies e a International Association for the Study of Interdisciplinary Research. Destes estudos, novas tipologias e definições foram agregadas:

- a) multi ou pluridisciplinaridade: justaposição de várias disciplinas sem tentativa de síntese;
- b) interdisciplinaridade: síntese de duas ou mais disciplinas instaurando um nível diferenciado de discurso, caracterizado por nova linguagem e novas relações estruturais;
- c) transdisciplinaridade: interdependência de todos os aspectos da realidade; conseqüência normal de síntese dialética provocada pela interdisciplinaridade.

Mas é a interdisciplinaridade a constante na abordagem dos autores que teorizam sobre a Ciência da Informação. As disciplinas que compoariam este quadro interdisciplinar variam de acordo com as diferentes abordagens. Agregam-se às disciplinas consideradas como origens da Ciência da Informação- Biblioteconomia, em especial nas áreas de documentação e recuperação da informação.

Portanto a Ciência da Informação tem uma característica interdisciplinar, pois é derivada e está relacionada a diversas áreas, tais como a matemática,

lógica, lingüística, psicologia, tecnologia computacional, pesquisa operacional, artes gráficas, comunicações, biblioteconomia, administração entres outras que procuram estudar o fenômeno da informação.

2.2 Fontes de Informação

Atualmente vive-se na era da informação, onde tudo que está relacionado à dinâmica do dia-a-dia, também relaciona-se com as informações que são geradas a todo instante. A cada informação produzida é possível se construir uma idéia ou uma noção, que trará sentido a um determinado assunto ou objeto. A informação tem o poder de representar, comunicar, atribuir sentido, sendo que esse processo de atribuição de sentido acontece quando se apreende a informação e através da apreensão da mesma é possível a compreensão e, com isto a transformação do conhecimento adquirido pelo sujeito. Araújo (2001, p.1), confirma esta afirmação:

Assim temos que, a informação pode ser compreendida como processo de atribuição de sentido. Em termo de práticas informacionais diríamos que esse processo se dá através das ações de recepção/seleção das informações recebidas. Outra compreensão pode ser formulada se considerarmos a informação como processo de representação, objetivando com isso comunicar o sentido dado à mesma. Este processo ocorre através das ações de codificação, emissão, decodificação/uso de informação. Em prática informacionais diríamos que este processo estrutura-se através das ações de geração e transferência de informações.

Isto significa que todo o processo informacional, só tem sentido quando ao ser gerada, produzida uma determinada informação, de imediato seja possível sua transferência, que ela já possua um sujeito receptor que esteja pronto para recebê-la e decodificá-la de acordo com seus conhecimentos. Pois a informação só produz efeito, quando seu receptor encontra-se apto a usá-la, ou seja ele deve atribuir um sentido à informação recebida, que irá ao encontro das idéias que já possui, tornando possível uma transformação no seu conhecimento. E essa mudança ocorre, quando o sujeito faz uso da informação adquirida seja para resolver um problema, ou, para se informar sobre qualquer situação; com isso ele trabalha sua cognição e produz conhecimento, que pode ser a simples identificação de determinado objeto ou a sua compreensão exata e completa do mesmo objeto.

Assim, quando se afirma que existe uma relação entre informação e conhecimento e que estes elementos podem provocar transformações nas estruturas, estamos nos baseando na idéia de que o nosso estado (ou nossos estados) de conhecimento sobre determinado assunto, em determinado momento, é representado por uma estrutura de conceitos ligados por suas relações, isto é, a nossa imagem de mundo ou a nossa visão de mundo (ARAÚJO, 2001, p. 2).

Ou seja, todo o desenvolvimento cognitivo provém de informações que estão relacionadas entre si, que possuem um elo com as experiências adquiridas, que decorrem na percepção individual de cada sujeito de analisar o espaço a sua volta, e suas constantes modificações. Cada informação produz efeito diferente em cada sujeito receptor. Mesmo porque essa informação só é adquirida quando selecionada pelo mesmo, ou seja, o receptor seleciona as informações que pretende receber e apreender, fazendo uso destas.

Inúmeras informações surgem a todo instante, mas isso não significa dizer que todo sujeito obrigatoriamente a usa, ele até recebe, mas não a apreende, senão for de seu interesse. É importante dizer que cada informação gerada já tem seu público-alvo, aqueles que as receberão e as usarão. Um exemplo disto são as propagandas publicitárias: ao trabalhar um determinado produto a ser lançado, os publicitários já possuem um perfil dos seus usuários e, sabem exatamente a quem se destinam as informações sobre seus produtos.

É assim que também funciona com os sujeitos receptores, diariamente eles são bombardeados com novas informações que surgem a todo instante, sendo que cada um desses seleciona apenas aquelas que lhes despertem interesse, descartando as demais.

O processo de seleção/recepção da informação é essencial, por isso cada etapa deve ser compreendida individualmente. O processo de recepção antecede a seleção, porém para compreendê-la faz-se necessário, primeiramente, saber como ocorre a seleção da informação. A seleção possui critérios que definem sua utilização por parte do sujeito-receptor, que resulta em sua decisão pelo uso, ou não, da informação acessada. E esses critérios variam de acordo com a realidade vivenciada pelo sujeito-receptor, com a compreensão dos códigos utilizados para o

envio da informação tanto em termos da língua utilizada, como do tipo de linguagem utilizada (linguagem científica, religiosa, filosófica, artística, técnica, etc.).

Os critérios inter-relação da informação recebida com a realidade do usuário e compreensão do código utilizado (em termos de língua utilizada e do tipo de linguagem) para o envio da informação envolvem o desenvolvimento de ações de percepção, interpretação/compreensão da informação por parte do sujeito-receptor. Através dessas ações complementares ocorre a seleção da informação recebida. Se a informação foi selecionada pelo sujeito-receptor, podemos considerar que ocorreu um processo de convergência, ou seja, um processo no qual o sujeito receptor reconhece a informação acessada como sendo um conteúdo válido. (ARAÚJO, 2001, p. 4)

O sujeito-receptor, continuamente, está recebendo novas informações, porém o processo de recepção ocorre quando após o acesso à informação torna-se possível o seu uso. O sujeito reconhece uma informação como de seu interesse, quando esta condiz com sua realidade, com suas vivências, quando de alguma forma ele reconhece que ela pode vir a lhe acrescentar um dado novo e significativo para o seu desenvolvimento profissional ou pessoal.

Araújo (2001, p. 3), afirma que;

[...] para todas as informações recebidas, o indivíduo busca sentido no seu acervo social de conhecimento e, uma vez atribuído tal sentido que ele mesmo atribua a esta informação. [...] a informação selecionada/utilizada é produção de um sujeito cognitivo social, uma vez que participa de uma "sociedade de discurso", ou seja, de um contexto que é composto pela socialidade (experiência coletiva) e pela atividade cognitiva do sujeito.

Os instrumentos ou fontes de informação – obras de referência, fontes bibliográficas, periódicos, teses e dissertações, relatórios técnicos, índices de resumos, guias, sumários correntes, catálogos coletivos, índices de citações – representam um importante papel para a transformação e expansão do conhecimento.

Segundo Carrizo-Sainero (1994, p. 24-30), fontes de informação são instrumentos de trabalho com plena autonomia, que surgiram com as publicações periódicas. Assim, fontes de informação são todos os materiais ou produtos, originais ou elaborados, que apresentam notícias ou testemunhos através dos

quais se obtém o conhecimento, seja ele qual for.

Podem também ser considerados como recursos que respondam a uma demanda de informação por parte dos usuários, incluindo produtos e serviços de informação, pessoas ou rede de pessoas, programas de computador, etc.

Campello (2000 p. 25), por sua vez classifica os documentos, ou fontes de informação, produzido durante o processo de pesquisa em:

- a) fontes primárias: produzidos geralmente com a interferência direta do autor da pesquisa. Incluem textos completos segundo tipos clássicos de literatura científica (relatórios técnicos, trabalhos apresentados em congressos, periódicos, etc.);
- b) fontes secundárias: apresentam a informação filtrada e organizada. Incluem todos os índices, bases de dados e diretórios, cujos registros fazem referência a fontes primárias, entidades e eventos em determinada área;
- c) fontes terciárias: têm a função de guiar o usuário para as fontes primárias e secundárias. São geradas com valor agregado e têm objetivos didáticos ou de apoio à tomada de decisão. São de bibliografias, os guias de literatura e os diretórios, dentre outros.

Apesar de toda a evolução tecnológica, conhecer as fontes de informação, saber identificá-las e como utilizá-las, é um diferencial importante e necessário para pesquisadores e profissionais ligados à comunidade científica, mas também pode ser para aquele usuário, que não está relacionado com essas áreas, mas dispõe e necessita de informações, tendo por fio condutor as fontes de informações.

As fontes de informação inexistem sem os suportes informacionais, por tanto para compreendê-las melhor faz-se necessário que se conheça os suportes de informação.

Desde as épocas mais remotas, o homem tem sentido uma estranha necessidade de se comunicar e deixar um registro de sua passagem pela terra.

Antigamente isto era feito através de marcas, signos, ou símbolos que demonstrassem ser útil para perpetuar mensagens.

Hoje, o aumento e crescente especialização da massa de indivíduos que produz informação, bem como das tecnologias de imprensa, editoração e os bancos de dados acessados, ou não, via computador, resulta na proliferação de registros impressos (e em outros suportes), acarretando o fenômeno chamado "explosão da informação", "explosão documental".

As fontes de informação designam toda essa massa de documentos, que cresce exponencialmente, seja quais forem os suportes físicos em que se encontrem (papel, objeto, imagem, disco, som, fita cassete, ou uma fonte viva de pesquisa).

Há um espaço e um tempo para cada um dos suportes de informação. O acesso direto à informação, com a diminuição das barreiras do tempo e espaço, num formato que permita à sua manipulação, edição e atualização imediata para a produção e novos documentos, aumentará, pelo menos teoricamente, o poder e a liberdade de escolha dos usuários. Assim, torna-se imprescindível saber escolher entre as fontes e formatos disponíveis o que propicia a informação certa, com menor esforço, menor custo e em menos tempo, será fator de diferenciação.

Desde que contenham informações suscetíveis de serem comunicadas, todos os suportes são válidos, e a invenção de um novo tipo não desobriga o uso do anterior.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CIDADE: SUA ORIGEM E DESENVOLVIMENTO

Desde a construção da primeira cidade, muitos foram os processos de evolução e desenvolvimento sofridos pelas cidades de todo o mundo, tanto na sua origem física, quanto na origem de seus significados.

A cidade é composta pelos mais variados significados, que podem variar de acordo com a percepção e com a decodificação desse espaço urbano. A essa operação de decodificação da cidade pode-se dar o nome de percepção urbana, pela qual é possível apreender e gerar informações sobre a cidade. Nesse caso em específico Ferrara (1988, p.17), define claramente o significado de percepção: "Percepção é informação".

A percepção do ambiente urbano pode ser considerada a operação principal de decodificação do espaço urbano, que precede outras duas importantes operações: a leitura e a interpretação.

Neste enfoque de análise, a percepção urbana é a primeira, mas apenas uma das etapas de um processo mais complexo que envolve a compreensão da imagem urbana como fonte de informação sobre a cidade. Isto significa dizer que, apreender essa imagem é estar sensível a um dos primeiros impactos informacionais que desafiam o ser humano. Compreendendo aqui, por impacto, como aquela informação que, ao ser apreendida pelo indivíduo, é capaz de produzir uma reação que pode ser verbal ou comportamental.

A apreensão dessa imagem dentro de um contexto amplo abrange ruas, avenidas, praças, monumentos, edificações, que se caracterizam com uma realidade signíca que informa seu próprio objeto, contexto urbano; incluídas nesse contexto estão várias outras linguagens que estão associadas à imagem: a arquitetura, a urbanização, a publicidade, entre outras. Porém, todo esse processo possui como elemento principal o usuário, que através da sua linguagem, aciona esse contexto.

Ferrara (1988), afirma que a transformação da cidade é a história de uso urbano, como significado da cidade. Através da sua vitalidade percebe-se o que o usuário pensa e realiza para acontecer essa transformação.

A história das cidades, em geral, nos remete a períodos longínquos da Antiguidade, sendo que as primeiras cidades teriam surgido entre quinze a cinco mil anos atrás, dependendo das diversas interpretações sobre o que delimita exatamente um antigo assentamento permanente e uma cidade. As primeiras cidades tidas como verdadeiras são, por vezes, considerados grandes assentamentos permanentes nos quais os seus habitantes não são mais simplesmente fazendeiros das áreas que os cercam o assentamento, mas passaram a trabalhar em locais onde centravam-se em ocupações mais especializadas, onde destacavam-se o comércio, o estoque da produção agrícola e o poder.

Uma das mais antigas cidades das quais se tem conhecimento é Çatal Hüyük, descoberta na região centro-sul da Turquia durante escavações. Conforme Figura 1 abaixo:



Fonte: <http://images.google.com.br>

Na pré-antiguidade, durante a pré-história os homens eram primeiramente nômades, movimentando-se de uma região para outra, constantemente, em busca de água e alimentos. Entre 13 e 10 mil anos atrás, diversas civilizações começaram a dominar a técnica de agricultura e da pecuária. As civilizações que

dominaram essas técnicas passaram a estabelecer-se em uma região, em caráter permanente. Assim, as primeiras vilas apareceram quase sempre no entorno de rios e lagos. Dada a necessidade de irrigação, a grande maioria dos habitantes de vilas neolíticas, por exemplo, trabalhavam na agricultura e na criação de animais domésticos.

Na Antiguidade, as primeiras cidades desenvolveram-se na Mesopotâmia, mais especificamente, beirando o rio Eufrates por volta de 3.500 a.C. Em meados de 2000 a. C, as primeiras cidades começaram a desenvolver-se em torno do rio Nilo e na China, tais cidades eram significativamente maiores do que vilas neolíticas. Estas cidades também dispunham de estruturas mais complexas, inexistentes nestas vilas, como grandes depósitos para estoque de alimentos e templos religiosos. A maioria dos habitantes desta cidade já não trabalhava mais na agricultura e, sim, no artesanato ou no comércio de produtos e serviços em geral.

Durante a antiguidade, várias das cidades do Império Romano tinham mais de 50 mil habitantes. As maiores chegavam a ter mais do que 350 mil habitantes, como Roma, Efésio e Alexandria, bem como Cartago ao ser reconstruído pelos romanos. Em 286, o Império Romano foi dividido em dois, o Império Romano do Ocidente, cuja capital era Roam, logo passou a sofrer constantes ataques bárbaros. Lentamente, várias tribos bárbaras ocuparam áreas anteriormente ocupadas pelos romanos, fragmentando o império. Eventualmente, o Império Romano do Ocidente acabaria em 476, período na qual a Idade Média têm início.

Durante o século XVIII, a Revolução Industrial teve início, com a invenção da máquina a vapor, e de outros equipamentos industriais. Este período perdurou até o final do século XIX nos atuais países desenvolvidos. Inúmeras cidades européias e americanas mudaram drasticamente por causa da Revolução Industrial, tornando-se grandes centros industriais. Várias grandes cidades localizadas em países em desenvolvimento – localizados na Ásia, América Latina e África - começaram a industrializar-se a partir do final do século XIX em diante. Algumas destas cidades tornaram-se grandes centros industriais, tais como Buenos Aires, Shangai e São Paulo.

As cidades cresceram mais do que nunca no século XX, mesmo com crises tais como a Grande depressão da década de 1930, onde as cidades foram fortemente atingidas pelo desemprego, especialmente naquelas dependentes primariamente da indústria pesada. Em 2000, aproximadamente 2.900 cidades dispunham de mais de cem mil habitantes, e destas, cerca de 225 dispunham de mais de um milhão de habitantes (estimativas variam entre 180 a 300). Atualmente, estima-se que 45% da população mundial vivem em cidades. São duas as principais razões deste grande crescimento populacional. A primeira foi a queda nas taxas de mortalidade, gerada após inovações na área da medicina e de leis contra industriais poluentes, bem como maior organização da cidade através da implementação de leis de zoneamento e de planejamento urbano. A segunda foi a grande migração da população rural para as cidades, provocadas por avanços tecnológicos na agropecuária e pela diversificação da economia urbana. Esta migração, chamada de êxodo rural foi mais acentuada nos países em desenvolvimento. Diferentes cidades nos países em desenvolvimento industrializaram-se durante o século XX, traindo grandes quantidades de pessoas não somente do campo como de outras cidades, que buscam por melhores condições de vida. Exemplos notáveis incluem São Paulo, Buenos Aires, Cidade do México, Shangai e Seul.

No Brasil as primeiras cidades surgiram tempos depois que já haviam se formado alguns núcleos urbanos no país. Na época da fundação de São Vicente (1532) e de Salvador (1549), já existiam aproximadamente seis vilas dispersas pelo litoral brasileiro. No final do século XVI, o Brasil já possuía três cidades eram: Salvador (na época capital), São Sebastião do Rio de Janeiro (me seguida se tornou capital) e Filipéia de Nossa Senhora das Neves, atual João Pessoa. A fundação de Filipéia aconteceu no período em que o Brasil encontrava-se sob o domínio de Espanha. Sendo o nome da cidade uma homenagem ao rei espanhol Filipe II. Os locais escolhidos para a localização das primeiras vilas e cidades muitas vezes não ofereciam condições adequadas de desenvolvimento, daí as freqüentes mudanças para outros locais mais adequados. A inadequação do local inicialmente escolhido para a fundação da cidade do Rio de Janeiro determinou a mudança realizada por Men de Sá, em 1567. As dificuldades básicas

encontradas para o desenvolvimento das primeiras cidades e vilas foram: os ataques constantes dos índios e dos piratas; a precária comunicação entre vários núcleos urbanos e desses núcleos com a metrópole.

Quanto ao desenvolvimento de suas cidades, para muitos historiadores, a colonização do Brasil foi, em grande parte, um empreendimento urbano, apesar de a economia da colônia ter se baseado na exportação de produtos rurais. O núcleo urbano foi o ponto de partida para a ocupação da terra. As cidades coloniais tinham a nítida finalidade de civilizar a colônia. As cidades eram o centro de difusão de hábitos e costumes da metrópole. Fundar cidades fazia parte da estratégia portuguesa de colonização, que não visava apenas à exploração predatória, mas a permanência e a fixação do homem na terra.

Além de serem parte integrante da estratégia portuguesa de colonização, as cidades no Brasil colonial também serviram de entrepostos comerciais e sedes do poder administrativo. As primeiras cidades brasileiras foram fundadas junto ao mar, e isso se tornou uma marca da colonização portuguesa na América.

No final do século, as cidades brasileiras evoluíram rapidamente. O Rio de Janeiro já possuía 50 mil habitantes e, desde 1763, era sede da colônia e porto por onde se exportava a produção de minas de ouro. Salvador, antiga capital colonial e importante centro de exportação do açúcar, contava com 45.500 moradores. Outras cidades populosas eram Recife, com 30 mil pessoas, São Luís do Maranhão, com 22 mil, e São Paulo, com 15.500. Na região das Minas, graças a mineração, surgiram mais cidades, como Mariana, Vila Rica (atual Ouro Preto), Sabará e São João del Rei. As cidades criadas com a riqueza trazida pelo ouro foram abandonadas quando as minas se esgotaram. Não houve outra atividade econômica que desse continuidade ao progresso e à modernização dessa região.

As cidades coloniais brasileiras nos deixaram um rico patrimônio histórico-cultural. Nesse período, surgiu o chamado estilo barroco colonial brasileiro, que até hoje podemos observar na arquitetura e na ornamentação das igrejas. Mas, não foi apenas a riqueza do barroco que marcou a beleza e as características

das novas cidades coloniais. A arquitetura adaptada ao clima tropical, a integração com a natureza, os traçados tortuosos das ruas e a simplicidade de largos e praças também fazem parte dessa herança. Preservá-la é manter vivas as origens de nossa história e de nossa identidade cultural.

A história da cidade de Fortaleza é marcada por altos e baixos constantes. O início da ocupação do território onde hoje se encontra Fortaleza data do ano de 1603, quando o português Pero Coelho de Sousa aportou na foz do rio Ceará. Naquelas margens ergueu o Fortim de São Tiago e deu ao povoado o nome de Nova Lisboa. Após dez anos passados esse acontecimento o português Martim Soares Moreno chega a cidade recuperando e ampliando o Fortim de São Tiago, e rebatizando o novo forte de Forte de São Sebastião. Muitos foram os fatos de decorreram após esses, como a tomada holandesa do forte de São Sebastião e uma nova expedição no Ceará holandesa ocorrida na cidade resultou na construção às margens do Riacho Pajeú, do Forte Schoonenborch, começando a partir desse momento a história de Fortaleza. Durante o século XIX Fortaleza consolida a liderança urbana no Ceará, fortalecida pelo surgimento da cultura do algodão. Com o aumento das navegações direto da Europa é criada a alfândega de Fortaleza.

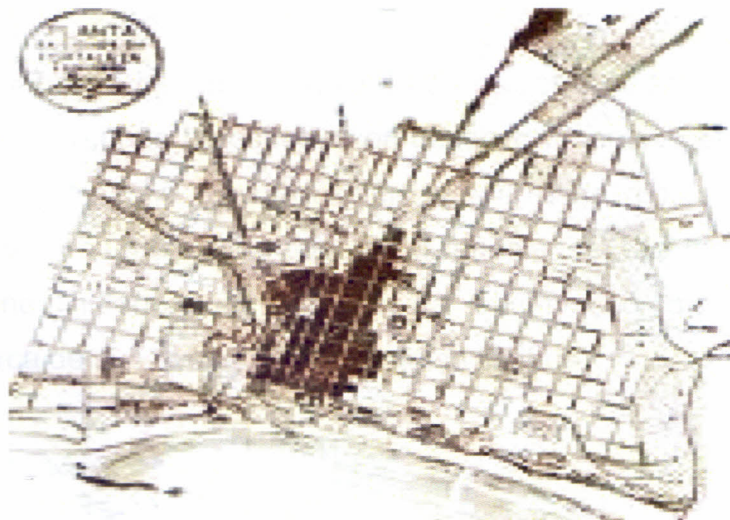


Fig.2 Primeira planta de Fortaleza

Fonte: www.bec.com.br

A cidade de Fortaleza, entre os anos de 1846 e 1877, passa por um período de enriquecimento e melhoria das condições urbanísticas com a exportação do algodão e a execução de diversas obras, tais como a criação do Liceu do Ceará e o Farol do Mucuripe, ou a Santa Casa da Misericórdia, Seminário da Prainha, Biblioteca Pública, entre outras construções que também marcaram a evolução da cidade de Fortaleza.

No século XX Fortaleza passa por grandes mudanças urbanas, entre melhorias e o êxodo rural, e cresce muito chegando ao final da década de 1910 sendo a sétima cidade em população do Brasil, passando a tomar medidas de higienização social e de saneamento ambiental, além de executar um plano de reformas urbano com a implantação de jardins, cafés, coretos e monumentos, e a construção de edifícios seguindo padrões estéticos europeus.

Hoje Fortaleza é a quinta cidade do Brasil em população. As belezas do seu litoral e as riquezas de suas história completadas por uma forte atividade cultural, transformam nossa cidade no porto de chegada de milhares de turistas de todos os lugares do mundo. A terra de Iracema hoje conjuga a modernidade do presente com a bravura de nossa história, a imponência de nossa arquitetura e o dom artístico de nosso povo.

E toda essa imponência é perceptível quando se percorre pelas ruas da cidade de Fortaleza. É inevitável não perceber o seu desenvolvimento enquanto capital, o aumento de construções e sua arquitetura diferenciada, por seus estilos e épocas. A arquitetura de uma cidade pode dizer muito sobre sua história social e cultural, transmitindo informações através da observação que facilitam a compreensão acerca de sua evolução enquanto sociedade.

4 HISTÓRIA DA ARTE E DA ARQUITETURA

O termo História da Arte costuma referir-se à história das artes visuais mais tradicionais, como a pintura, escultura e arquitetura, sendo a arte a expressão máxima do momento, seja ele histórico ou pessoal.

A arte registra as idéias e os ideais das culturas e etnias, sendo, assim, importante para a compreensão da história do homem e do mundo, tendo origem desde a pré-história até os tempos atuais. A arte pré-histórica foi a produção dos homens da pré-história, a partir dos desenhos, símbolos, riscos e etc., coloridos ou não nas paredes da caverna. Também era usado como meio de comunicação. A arte pré-histórica não está necessariamente ligada à idéia de arte que surgiu a partir do século XIX, como auto-expressão, mas como produção cultural dos povos primitivos. A arte do paleolítico refere-se ao início da história da arte e a mais antiga produção artística de que se tem conhecimento. A arte deste período situa-se na pré-história, no Paleolítico (Idade da Pedra Lascada), e tem início há cerca de dois milhões de anos estendendo-se até 8.000 a.C.. A arte do neolítico inicia-se com a revolução da neolítica, período revolucionário na história que teve início no Médio Oriente, há 8000 anos a.C., quando começa com êxito a domesticar animais e a dar os primeiros passos na agricultura. Por fim a arte rupestre que são as mais antigas representações pictóricas conhecidas, muito datadas do período Paleolítico, gravadas em abrigos ou cavernas, em suas paredes e tetos rochosos, ou também em superfícies rochosas ao ar livre, mas em lugares protegidos, normalmente datando de épocas pré-históricas.

Durante a antiguidade a arte foi assumindo novas características, que se tornavam diversificadas entre si, de acordo com cada região onde se desenvolvia. A arte antiga pode se subdividir nos seguintes grupos:

a) Arte mesopotâmica

- Arte suméria
- Arte assíria
- Arte babilônica

- Arte persa
- b) Arte do vale Nilo**
- Arte egípcia
- c) Arte celta e germânica**
- Arte celta
- Arte dos povos germânicos
- d) Arte egeia**
- Arte cicládica
- Arte minóica
- Arte micénica
- e) Arte fenícia**
- f) Arte da Antiguidade Clássica**
- Arte etrusca
- Arte grega
- Arte romana
- g) Arte do Cristianismo**
- Arte paleocristã
- Arte bizantina

A arte da Idade Média insere-se no período que, convencionalmente, se chama de Idade Média. A Igreja Católica assume neste período um papel de extrema importância filtrando todas as produções científicas e culturais, fazendo com que muitas obras artísticas tenham temática religiosa. Dentre essas produções destacam-se os movimentos e as expressões artísticas. Os movimentos dividem-se em:

- Arte bizantina
- Arte islâmica
- Arte dos povos germânicos
- Arte merovíngia
- Arte carolíngia
- Arte otoniana
- Arte românica
- Arte gótica

- Arte manuelina
 - Enquanto que as expressões artísticas dividem-se em:
- Arquitetura
- Literatura
- Arte Antiga
- Arte Clássica
- Arte medieval
- O Renascimento
- Maneirismo, Barroco e Rococó
- Neoclassicismo, Romantismo, Academicismo, Realismo
- Impressionismo, Pós-impressionismo
- Arte moderna
- Arte contemporânea

Porém dentre as expressões artísticas citadas acima, a que realmente convém a este trabalho é a Arquitetura.

Para definir o conceito de Arquitetura, inicia-se por definir a origem da palavra arquiteto: tecton em grego designava um artífice ligado à construção de objetos por função de peças, como um carpinteiro; o prefixo archi indica superioridade. Assim, arquiteto, quer dizer “grande carpinteiro”. Desconsiderando as possíveis variações que a palavra pode ter assumido através dos séculos de cultura ocidental. Hoje é empregado com diversos significados, dentre os quais se destacam os três mais importantes: uma profissão, um produto cultural, uma arte.

A arquitetura é em primeiro lugar, uma profissão de nível superior, é importante ressaltar que a arquitetura como um curso ou profissão é o sentido mais prático que pode adotar a palavra. Enquanto, produto cultural, a arquitetura toma um outro significado, histórico-cultural, pois através da observação e análise da arquitetura de outros povos é possível aprender sobre as sociedades e civilizações anteriores a atual; é possível saber sobre seus hábitos, costumes, cultura, sobre seu grau de conhecimento, suas ideologias, através do estudo de

suas edificações em ruínas. A arquitetura enquanto arte, ou excelência estética, como cita Colin (2000, p.23), possui a seguinte definição,

Em todo o processo de produção, os valores estéticos sobrepujaram os valores utilitários ou comerciais. Sob este terceiro ponto de vista que chamamos de critério de excelência estética, predomina a arquitetura como uma arte. [...] consideramos sempre a arquitetura como uma arte, porque assim estaremos incluindo outros critérios e os ultrapassando. Critérios estes que deveremos sempre ter presente, pois são, de certa maneira, inseparáveis a arte de vê ser uma meta; o produto cultural, um fato compulsório; a profissão, a formação acadêmica, um meio.

A arquitetura, além de suas acepções, também possui suas divisões e classificações, das quais se destacam as duas de maior atualidade: significado e significante; sistemas da arquitetura.

Vitrúvio, autor do primeiro tratado sobre o assunto, intitulado Os dez livros de arquitetura, escrito no início do Império Romano, percebeu a vocação das obras arquitetônicas para representar coisas diferentes dela mesma. Ele dizia: "Em arquitetura devem ser considerados dois pontos: aquilo que é significado e aquilo que significa". Em outras palavras, as obras arquitetônicas, possuem valor simbólico. A segunda divisão são os sistemas de arquitetura, que se dividem em três: solidez, utilidade e beleza. A solidez se refere aos sistemas estruturais, ao envoltório físico, às tecnologias, à qualidade dos materiais utilizados. A utilidade vai tratar da condição dos espaços criados, seu correto dimensionamento para atender os requisitos físicos e psicológicos dos usuários, e da maneira como estes espaços se relacionam. A beleza refere-se às preocupações estéticas que se deve ter ao projetar e construir.

[...] em arquitetura, não se trata apenas de edificar algo sólido, de boas técnicas e com materiais de qualidade, e que abrigue corretamente os usos a que se destina; é preciso incitar à contemplação e à fruição. (COLIN, 2000, p. 32-33).

Portanto definir o que seja arquitetura, tal como ela significa, é o mesmo que tentar fazê-lo para as outras ciências, pois em um mundo complexo e propenso a constantes mudanças, como o atual, a dinâmica da vida torna imprescindível uma constante reflexão do pensamento teórico prático, acerca dos conhecimentos adquiridos através das diversas ciências, que compõem o

universo do saber.

A arquitetura, assim como toda e qualquer ciência, possui sua história, marcada por fatos históricos, que a definem como uma ciência antiga que data desde a pré-história até os tempos atuais. As primeiras grandes obras de arquitetura remontam a antiguidade, mas é possível traçar as origens do pensamento arquitetônico em períodos pré-históricos, quando foram erigidas as primeiras construções realizadas pelo homem. Durante a pré-história surgem os primeiros monumentos e o homem começa dominar a técnica de trabalhar a pedra. O abrigo, como sendo a construção predominante nas sociedades primitivas, foi o elemento principal da organização espacial de diversos povos. A presença do abrigo no inconsciente coletivo destes povos foi tão forte que marcou a cultura de diversas sociedades posteriores. A humanidade confrontava-se como um mundo povoado de deuses vivos, gênios e demônios. O modo como os indivíduos lidavam com a transformação de seu ambiente era bastante influenciada pelas suas crenças. Muitos aspectos da vida cotidiana estavam baseados no respeito ou na adoração ao divino. O poder divino, portanto, igualava-se ao poder secular, fazendo com que os principais edifícios das cidades fossem os palácios e os templos.

Na antiguidade clássica, a arquitetura e o urbanismo praticado pelos gregos romanos destacavam-se bastante dos egípcios e babilônios na medida em que a vida cívica passava a ganhar importância. A cidade torna-se o elemento principal da vida política e social destes povos. Enquanto os povos anteriores desenvolveram apenas a arquitetura militar, religiosa e residencial, os gregos e romanos foram responsáveis pelo desenvolvimento de espaços próprios à manifestação da cidadania e dos afazeres cotidianos. Contudo, os assuntos religiosos ainda possuem um papel fundamental na vida mundana, sendo que incorporados aos espaços públicos da cidade. Os rituais populares tomavam lugar em espaços construídos para tal, cada lugar possuía sua própria natureza, inseridos em um mundo que convivia com o mito, os templos passaram a ser construídos no topo das colinas de forma a tocar os céus.

Durante praticamente todo o período medieval, a figura do arquiteto, como

sendo o criador solitário do espaço arquitetônico e da construção, não existe. A construção das catedrais, principal esforço construtivo da época, é acompanhada por toda a população e insere-se na vida da comunidade ao seu redor. Na idade moderna, durante o renascimento, a arquitetura renascentista mostrou-se clássica. Com a descoberta dos antigos tratados da arquitetura clássica, deu-se margem a uma nova interpretação daquela arquitetura e sua aplicação aos novos tempos. A arquitetura passa por várias etapas do processo histórico, percorrendo por diversas épocas, refletindo significativamente em sua evolução enquanto ciência. A história da arquitetura está diretamente relacionada à evolução humana. A arquitetura passou a existir quando o homem começou a construir para se proteger de predadores e dos fenômenos da natureza. As novas demandas sociais (como o crescimento das civilizações, a necessidades de interligação entre cidades, o abastecimento de água, a consolidação de crenças religiosas), ou mesmo a simples busca por formas agradáveis aos olhos forçaram a humanidade a buscar novos materiais, novas ferramentas e técnicas de construção. É assim que a arquitetura continua evoluindo até hoje.

Enquanto a arquitetura mundial passava por evoluções, a arquitetura do Brasil também evoluía, à medida que o país se desenvolvia sua arquitetura também passava por modificações. Para compreender as transformações da arquitetura brasileira, é fundamental fazer um breve passeio por sua história. A história da arquitetura brasileira é restrita aos cinco séculos após sua descoberta. A arquitetura indígena é baseada em suas crenças, tanto para moradia quanto para o conjunto urbano. A disposição geométrica de uma aldeia visava o funcionalismo, mas também era orientada pelo gosto. Já os portugueses começaram da estaca zero, os pioneiros improvisavam-se construtores para levantar moradias e entrincheiramento a fim de se defenderem dos índios e de outros brancos. Na necessidade da conquista e manutenção do espaço cria-se um sistema feudal e organizam-se os arraiais, como no caso de Salvador, uma cidade cercada por muros de taipa, essa técnica, embora precária quando bem mantida, perpetua-se ao longo dos séculos. Em cada uma das regiões ocupadas, recursos locais são utilizados na construção, como a carnaúba no Piauí que ainda hoje é utilizada. Até a primeira metade deste século grande parte da casa no Recife era construída como no século do descobrimento. A “casa fortaleza”,

como era denominada, utilizava pedra, cal, pau-a-pique e era telhada e avarandada. Com o crescimento das vilas os construtores começaram a procurar materiais mais resistentes e passaram a utilizar a pedra. A primeira obra arquitetônica construída em pedra foi à torre de Olinda, construída por seu primeiro donatário, Duarte Coelho.

A arquitetura “arte” foi à preocupação dos missionários, pois sabiam da importância da construção das Igrejas na catequese. Esta arquitetura tem início com a chegada de Francisco Dias e Luís Dias. Porém, é a chegada de Pieter Post, arquiteto incluído na expedição de Nassau, que se realizou um conjunto de obras urbanísticas e arquitetônicas notáveis. É nesta época que o estilo barroco começa a influenciar nas construções, e as Igrejas buscam construir com luxo, enquanto o povo continuava a viver de maneira mais simples até os anos setecentos. A arquitetura civil era inexpressiva e serviu, praticamente, a fins religiosos. Quase todos os arquitetos brasileiros da primeira metade do século XVIII, construíram igrejas de nave octogonal, a primeira construída entre 1714 a 1730, é a de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, no Rio de Janeiro, muito importante por representar uma evolução em relação às igrejas portuguesas ou mesmo qualquer igreja da época.

Na segunda metade do século XVIII, Minas Gerais passa a dominar a arquitetura religiosa em igrejas como: o Santuário de Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo; a de São Pedro dos Clérigos, em Mariana e a Capela do Rosário de Ouro Preto. Antônio Francisco Lisboa, o aleijadinho principal escultor e arquiteto da época deixou vasta obra, adepto do estilo rococó, soube integrar melhor do que ninguém a arquitetura e a escultura, a decoração rebuscada à sobriedade da arquitetura religiosa portuguesa. A igreja de São Francisco em Ouro Preto foi inteiramente projetada, construída e decorada por Aleijadinho num espaço de vinte e oito anos entre 1766 a 1794, o que explica sua extraordinária unidade. Sua capela-mor é uma das obras mais importantes de Aleijadinho.

A Revolução que colocou Getúlio Vargas no poder e Júlio Preste no exílio, trouxe vantagens para a arquitetura: Lúcio Costa torna-se diretor da Escola

Nacional de Belas Artes para onde chama Warchavchik, outro grande arquiteto. Em 1935, é realizado o concurso para o prédio do Ministério da Educação no Rio de Janeiro, cujo primeiro prêmio foi para um projeto puramente acadêmico; porém, por decisão do Ministro Gustavo Capanema, o projeto passa para a mão de Lúcio Costa, que reúne uma equipe com outros concorrentes, entre eles Oscar Niemeyer. Lúcio Costa deixou a chefia da equipe que construía o Ministério da Educação e em seu lugar assume Oscar Niemeyer, no início de uma carreira brilhante, que tem seu apogeu juntamente com Lúcio Costa, com a construção de Brasília, vinte anos mais tarde. No mesmo ano da saída de Lúcio Costa da chefia da equipe, 1939, acontece a Exposição Internacional de Nova York, onde o Pavilhão do Brasil, obra de Lúcio e Oscar, causa furor. A arquitetura brasileira dá sinais de vida mundialmente. Niemeyer constrói o conjunto da Pampulha em Belo Horizonte durante a prefeitura de Juscelino Kubitschek, que depois o leva para Brasília, onde realizará um conjunto de obras notáveis juntamente com o plano geral de Lúcio Costa.

A partir de então, a arquitetura brasileira começa a evoluir rapidamente, com diversas construções, que abrem espaço para uma nova arquitetura, a contemporânea. Com o surgimento da arquitetura contemporânea, o país passou a ter estilos arquitetônicos diferenciados, que variavam de acordo com cada região e estado.

Bem mais do que planejar uma construção ou dividir espaços para sua melhor ocupação, a Arquitetura fascina, intriga e, muitas vezes, revolta as pessoas envolvidas pelas paredes. Isso porque ela não é apenas uma habilidade prática para solucionar os espaços habitáveis, mas encarna valores. A Arquitetura desenha a realidade urbana que acomoda os seres humanos no presente. É o pensamento transformado em pedra, mas também a criação do pensamento.

A colocação de Lemos (1986, p.15) nos possibilita uma maior compreensão do conceito de Arquitetura e de sua importância tanto social, cultural e histórica para a sociedade.

Portanto, enxergar arquitetura de uma cidade como fonte de informação é evidenciar o freqüente contato que se pode ter com o passado sem desvincular-se do presente; é tornar perceptíveis as relações que se estabelecem entre seus estilos e épocas, distintos, mas que co-habitam o mesmo espaço, o mesmo

tempo, e que apesar de possuírem diferenças visíveis têm em comum o mesmo objetivo, transmitir o modo de viver de uma época, sua cultura, tudo isso impregnado do conteúdo informacional que existe entre suas paredes ou fora delas e, tornar possível o estabelecimento de um elo de comunicação entre o passado e o presente tornando possível vislumbrar-se o futuro.

Mas para perceber a arquitetura dessa forma, faz-se necessário um estudo da imagem representativa da mesma e, por consequência do patrimônio, considerando-o primeiramente como imagem visual, que possui significado, que comunica e transmite mensagens.

Que a imagem seja uma produção consciente e inconsciente de um sujeito é um fato; que ela constitua uma obra concreta e perceptível também; que a leitura dessa obra a faça viver e perpetuar-se, mobilizar tanto a consciência quanto o inconsciente de um leitor ou espectador é inevitável (JOLY, 1996, p. 44).

Para analisar o significado da imagem no intuito de compreender as informações passíveis de serem transmitidas através da mesma, é necessário considerá-la como um objeto que possui um significado, logo será através da semiótica que será possível compreender o significado e a importância da imagem como fonte de informação.

Partindo da definição de Santaella (1983), sobre semiótica, considera-se que a imagem pode ser estudada como um tipo de linguagem capaz de se comunicar com o meio no qual está inserido, pois a representação da mesma desperta no indivíduo a necessidade de interpretar aquilo que é observado, de maneira que leve o mesmo a compreender que está possui um significado e consequentemente um sentido. No entanto, pode-se considerar mais especificamente a imagem como um signo, que possui um significante e um significado, ou seja, o significante da imagem seria aquilo que a mesma representa, e o significado aquilo que se interpreta através de sua representação. Logo:

Um signo tem uma materialidade que percebemos com um ou vários de nossos sentidos. É possível vê-lo (um objeto, uma cor, um gesto), ouvi-lo (linguagem articulada, grito, música, ruído), senti-lo (vários odores: perfume, fumaça), tocá-lo ou ainda saboreá-lo. Essa coisa que se percebe está no lugar de outra; está é a particularidade essencial do signo: estar

ali, presente, para designar ou significar outra coisa, ausente, concreta ou abstrata. (JOLY, 1996 p. 32-33).

Percebe-se o quanto comunicativa pode vir a ser uma imagem a partir do momento que a mesma é representada como um signo, quanta mensagem ela pode transmitir, que irá variar de significados de acordo com a interpretação de cada espectador ou leitor.

Baseada nisto pode-se considerar que a leitura da imagem de uma cidade consiste na interpretação daquilo que se vê, da percepção sensível capaz de produzir um senso maior de observação proporcionando a compreensão do significado que a imagem transmite através da sua representação, ou seja, consiste primeiramente no estudo da imagem sob o ângulo da significação, a semiótica. Partindo dessa idéia que a imagem, através de sua representação visual, é passível de comunicar e transmitir mensagens, que suscitem no indivíduo ou coletivo que a observam interpretações diversas que irão resultar em significados variados de acordo com as peculiaridades de cada leitor ou espectador.

[...] é possível dizer atualmente que abordar ou estudar certos fenômenos em seu aspecto semiótico é considerar seu modo de produção e sentido, ou seja, a maneira como provocam significações, isto é, interpretações. De fato um signo só é "signo" se "exprimir idéias" se provocar idéias na mente daquele ou daquela que percebe atitude interpretativa. (JOLY, 1996, p. 29).

Com isso é pela observação da imagem, que será possível ler nas entrelinhas, interpretar o significado dela para os que a observam e a diferença estará na interpretação dessa imagem como signo, para aquele que a analisa. Pois uma imagem pode ter diversas interpretações, que irão variar de acordo com o modo de percepção e observação de cada um, ou seja, a atitude interpretativa a que Joly (1996), se reporta vai estar associada às peculiaridades de cada indivíduo, gerando com isso diversas interpretações e significados de uma única imagem.

Trabalhar com a essência da arquitetura, contemporânea ou antiga é abrir um leque de opções que remete a um estágio de observação significativo,

tornando possível enxergar além daquilo que está diante de si. Significa viajar pelo passado com freqüentes paradas no presente, para não se desvincular dele, como também para associá-los entre si, pois um inexistente sem o outro e ambos se explicam.

4.1 A Arquitetura enquanto Linguagem

A Arquitetura tem a capacidade de representar para as pessoas algo mais que sua simples presença; ao direcionar as atenções não para as evidências materiais, mas para um suporte, que contém as informações que serão transmitidas por suas formas arquitetônicas; é reconhecer e experimentar a arquitetura como uma linguagem, e os elementos físicos do objeto arquitetônico instrumentos de comunicação através dos quais outras idéias podem ser transmitidas.

Um monumento pode falar do estágio de adiantamento do povo para o qual foi construído, de seus ideais estéticos, de seu modo de vida; pode evocar os feitos militares e as práticas religiosas de uma nação, pode ser o testemunho de mestria de quem o concebeu e de suas preocupações morais, e até falar de si mesmo e da arquitetura. Esses são os conteúdos, as informações passíveis de serem transmitidas através dos mais variados objetos arquitetônicos. Partindo dessa idéia é possível considerar arquitetura de uma cidade como fonte de informação histórica, capaz de comunicar e transmitir o conteúdo histórico que carrega consigo.

A arquitetura divide-se em diversos conteúdos: o conteúdo formal, conteúdo histórico, conteúdo social e conteúdo psicológico, e cada um destes conteúdos possui seu significado e importância, como explica COLIN,

[...] o conteúdo de uma obra arquitetônica é múltiplo e indivisível, e tanto mais o será quanto maior for a sua intenção poética. Uma das características do discurso poético é sua constante capacidade de surpreender, de multiplicar os significados, de infringir os códigos de comunicação, visando o acesso a instâncias mais profundas no plano do conteúdo. Apesar disso, temos que recorrer a divisões para facilitar a sua abordagem, mesmo sabendo serem estas divisões meramente instrumentais; ninguém pode pretender conhecer o conteúdo conhecer o conteúdo de uma obra sem nada saber dos meios que fora utilizados para veiculá-lo, ou mesmo sem conhecer algo acerca dos laços que têm sido estabelecidos entre a arquitetura e estes materiais; somente pela prática do

estudo isolado pode-se chegar a identificação de determinada mensagem no conjunto de nossa percepção do objeto, [...] (COLIN, 2000, p. 77-78).

Entretanto, o conteúdo histórico e o conteúdo social, é que será brevemente abordado, devido à intenção deste que é evidenciar a Arquitetura como fonte de informação histórica. Pode-se considerar a arquitetura como sendo uma manifestação cultural das mais aptas a reter informações de conteúdo histórico, e isto se deve principalmente a capacidade dos marcos arquitetônicos de permanecer, de vencer e o tempo e os agentes de destruição. O valor histórico de um edifício pode aparecer, segundo COLIN (2000), em três níveis: primeiramente, sendo um produto de determinada sociedade e, como tal, um testemunho das práticas sociais e preferências estéticas desta; a seguir, na medida em que o edifício ou sítio pode assimilar um valor extra-arquitetônico, por ter sido cenário de acontecimentos históricos marcantes; e finalmente, quando o edifício é construído especificamente com a finalidade de marcar feitos históricos e poéticos importantes, como no caso dos momentos e memoriais. Já o conteúdo social está sempre presente em um objeto arquitetônico, sendo que este atenderá, a uma função e um uso sociais. Além disso, a melhor arquitetura de uma determinada sociedade, tanto em excelência técnica como estética, será sempre a arquitetura de suas classes sociais dominantes. Entretanto, nem sempre a forma arquitetônica estará comprometida com as obrigações sociais, como explica Colin (2000);

De maneira mais restrita, falamos de conteúdo social para nos referirmos à inspiração progressista ou revolucionária, prezando principalmente os gostos, necessidades e interesses das classes inferiores de uma estrutura social para estabelecer o critério de valor da arquitetura. (COLIN, 2000, p. 91).

Portanto, o conteúdo histórico e social da arquitetura pode ser considerado como uma forma de linguagem não-verbal, ou seja, aquela que é capaz de transmitir por meio do espaço, sobretudo da cidade, em específico da arquitetura informações passíveis de serem traduzidas e interpretadas. Logo, dentro desse contexto de linguagem não-verbal, a arquitetura passa a ser um texto não-verbal pelo qual será possível através de seu conteúdo histórico e social, verificar o seu caráter informacional, que está disponível em suas características físicas, técnicas, estéticas, sociais, quem compõem o objeto arquitetônico como um todo. Logo,

Estudar a organização do não-verbal, a mudança funcional de suas articulações, a circulação de seus signos, compreender o papel dos seus usuários ou receptores, sua relação com o processo institucional ou cultural onde se insere, sua contextualização ou descontextualização, sua semantização ou ressemantização signíca é, ao mesmo tempo, estudar o espaço como linguagem, como representação da prática cultural que lhe é inerente. Estudar o espaço como página onde se emite e se recebe um texto não-verbal supõe estudá-lo como extensão daquela mesma prática representativa, ou seja, nele se escreve a história sucessiva de um modo de pensar, desejar, desprezar, escolher, relacionar e sentir. (FERRARA, 1988, p.11)

Sendo assim, o estudo da arquitetura como linguagem, só pode acontecer através de uma operação básica, porém fundamental no desenvolvimento de qualquer conhecimento, a leitura. Um ato imprescindível, mas de extrema importância no processo cognitivo do indivíduo, levando-o a uma compreensão maior de tudo que o cerca.

5 A ARQUITETURA ENQUANTO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL: ESTORIL E TEATRO SÃO JOSÉ

Compreender a arquitetura como patrimônio tanto histórico quanto cultural, significa perceber a relação que existe com o passado confrontando-o ou relacionando-o com o presente, permitindo reconhecer-se nessa história cultural que se modifica com o passar do tempo. No entanto, somente é possível fazer um reconhecimento desse patrimônio histórico e cultural que existe em uma cidade se observar com mais agudez as construções que a compõem, ao usar da percepção para evidenciar através dessas obras arquitetônicas, provavelmente poder-se-á encontrar informações que tenham algo a acrescentar tanto a história quanto a cultura de uma sociedade.

Alguns estilos de construções refletem a cultura de um povo pouco se relacionando com o passado deste, porém dificilmente ver-se-á um monumento histórico que reflita a história sem estar vinculada a cultura deste povo, portanto, ao pensar-se em patrimônio histórico, automaticamente, remete-se a patrimônio cultural, e a cidade e suas construções relacionam-se com ambos, mantendo um vínculo, que quando descoberto incita a buscar pelas informações que detêm, ocasionando na aquisição do conhecimento histórico e cultural sobre cidade e suas construções e a influência da cultura local sobre elas, refletindo desta forma na influência de ambos na sociedade atual. Esse elo que se estabelece entre história e cultura também estão vinculados à memória, pois é através desta que se torna possível reconhecer-se enquanto ser social, sujeitos participativos da história, construindo sua identidade cultural. E todo esse envolvimento que ocorre entre a história, a cultura e a memória torna-se visível quando se observa a arquitetura que também, pode ser reconhecida como patrimônio, portanto, é preciso reconhecer como patrimônio histórico e cultural as obras arquitetônicas tanto por sua estrutura física, quanto e principalmente pelo conteúdo informacional que possui, e visualizar essas informações e esse conhecimento que se encontram por trás dessas construções, implica em abandonar a superficialidade, para observar esses monumentos em sua essência evidenciando tanto seu conteúdo histórico quanto cultural, que passarão a fazer

parte da memória da sociedade.

Portanto,

É nesse espaço onde se encontra o nosso patrimônio cultural, nos prédios, nas praças, nas músicas, nas danças, nas histórias da cada um, nos bairros e que só podemos conhecer fazendo uma leitura mais aguda do que se oferece ao nosso olhar e ao nosso sentir. (LEMOS, 1982, p. 40)

Por isso, para poder compreender as informações que existem na arquitetura deve-se buscar manter um elo de comunicação para obtenção de conhecimento, é preciso ser perspicaz na observação.

Por Patrimônio compreende-se como sendo a criação isolada, bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Estende-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação histórica. Esse patrimônio (arquitetônico) compreende não somente as construções isoladas de um valor excepcional e seu entorno, mas também os conjuntos, bairros de cidades e aldeias, que apresentam um interesse histórico ou cultural.

A organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) promoveram em 1972 um tratado internacional denominado Convenção sobre a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural visando promover a identificação, a proteção e a preservação do patrimônio cultural e natural de todo o mundo, considerado especialmente valioso para a humanidade.

No Brasil, a Constituição brasileira de 1946 contempla no seu texto a proteção do patrimônio dizendo no seu artigo 175: "As obras, monumentos e documentos de valor histórico e artístico, bem como os monumentos naturais, as paisagens e os locais dotados de particular beleza ficam sob proteção do Poder Público".

Os Patrimônios podem ser: Patrimônio Histórico e Patrimônio Cultural (Imaterial e Material) O Patrimônio Histórico refere-se a uns bem móveis, imóveis

ou naturais, que possua valor significativo para uma sociedade, podendo ser estético, artístico, documental, científico, social, espiritual e ecológico. A preservação do patrimônio histórico teve início como atividades sistemáticas no século XIX, após a Segunda Guerra Mundial e Revolução Industrial, inicialmente para restaurar os monumentos destruídos na guerra. O Patrimônio Cultural é o conjunto de todos os bens materiais ou imateriais, que, pelo seu valor próprio, devam ser considerados de interesse relevante para a permanência e a identidade cultural de um povo. Do patrimônio cultural fazem parte bens imóveis tais como castelos, igrejas, casa, praças, conjuntos urbanos, e ainda locais dotados de expressivo valor para história, a arqueologia, a paleontologia e a ciência em geral. Nos bens móveis incluem-se, por exemplo, pinturas, esculturas e artesanato. Nos bens imateriais considera-se a literatura, a música, o folclore, a linguagem e os costumes.

Dentre desse contexto sobre os Patrimônios, pesquisa-se em específico dois importantes bens da sociedade cearense, o Estoril e o Teatro São José, ambos co-participes da história da sociedade local.

O Estoril foi construído em 1925, para servir de residência à família Porto e foi batizado de Vila Morena. Sua estrutura inicial era de taipa, com alicerces de maçaranduba (madeira de grande resistência). Posteriormente, adquiriu revestimento de cal e barro com tijolos. Em 1939, reforçou-se o andar superior com cimento armado. Em torno de 1943, ao tempo da Segunda Guerra Mundial, a casa foi arrendada para sediar o clube de oficiais do exército norte-americano, cuja base de operação estava situada no Alto da Balança (atual Aerolândia). À noite, era ponto de encontro e de diversão dos soldados. Nesse ínterim, construiu-se um galpão. Com o fim da guerra, o prédio foi vendido para dois portugueses que passaram a chamá-lo de Estoril. A partir de 1948, passou a funcionar como restaurante. Passou por uma reforma no início dos anos de 1990. Em 1994, parte do prédio desabou. O local foi reinaugurado no mesmo ano, no entanto por causa da decadência da Praia de Iracema, o Estoril vinha sofrendo com a falta de visitantes. Mas, em 2006, foi incluído pela prefeitura no projeto de revitalização dos espaços públicos. Quanto às suas características estilísticas, o edifício guarda feições de bangalô, normalmente encontrado em residências de

veraneio. Vale salientar o grande porte ao tempo de sua construção, numa área de Fortaleza que ainda não se encontrava urbanizado. Apesar das reformas pelas quais passou, seus traços originais continuam preservados. O Estoril localiza-se na Rua dos Tabajaras nº. 397 Praia de Iracema, seu proprietário atual é a Prefeitura Municipal de Fortaleza, atualmente é usado como restaurante e galeria de arte.



Fig.3 Estoril

Fonte: www.bec.com.br

No local se respira história, é por isso que ele constituiu referência histórica para a boemia de Fortaleza. Desde 1992 é tombado como Patrimônio Histórico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

O Teatro São José ou o Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José é fundado em 14 de fevereiro de 1914. Opção de Lazer, cultura e assistência social para os trabalhadores do Círculo de trabalhadores Cristão Autônomos de Fortaleza. A Fundação Círculo Operário e trabalhadores de São José fundado em 29 de junho de 1913 pela Arquidiocese pelo Padre alemão Guilherme Waessen. Em 1915, o Teatro São José passou a funcionar em prédio próprio, ou seja, na sua atual sede, seu fundador deu início a obra, construindo um grande galpão coberto de zinco, com a colaboração dos operários de boa vontade, que trabalhavam dia e noite, e feriados sem pagamento algum. Assim com palcos improvisados, para apresentação de peças teatrais, sessões de Cinema, Drama aos domingos, jogos de dominó, sueca, gamão, eram atrações usadas, em busca de donativos, para a obra que estava sendo construída.

Foi desse modo que o CTCAF surgiu, com seu belíssimo Teatro, onde todas as peças de Carlos Câmara foram encenadas. A primeira fundação artística teve a denominação de grêmio recreativo São José. Foi criada nessa época a célebre Banda de Música cujo maestro era o Sr. João Gomes de Souza, e depois o maestro Silva Novo. Esse Grêmio funcionou até 1927.

No começo da década de 40, houve um movimento artístico, de grande repercussão. Levava-se no Círculo São José a peça de teatro o "Mártir do Golgota" encabeçada pelo grupo do português Esmeraldo Matos, essa peça foi apresentada várias vezes e com muito sucesso. O Teatro viveu vários dias de glória apresentando artistas da terra e de outros estados como Carmem Miranda e recebendo autoridades. Entre 1917 – 1941 funcionou o Cinema São José, onde a platéia era dividida por sexo. O Museu do Maracatu foi fundado em 25 de março de 1984. Em 1975 entrou em crise e, recebeu verbas através do deputado Wilson Gonçalves. Passou por uma nova reforma em 1994, custeada pela Fundação Cultural de Fortaleza, no valor de R\$ 150 mil reais, aumentando a capacidade de 400 para 530 pessoas, com projeto elaborado na primeira gestão de Juraci Magalhães, inauguração 3 de fevereiro de 1995.

Em março de 1975, foi eleita para dirigir a entidade a Dra. Lyrysse Pôrto de Araújo. Além do Teatro atualmente se realizam outras atividades de grande importância para a cidade como o Museu do Maracatu, o Centro de Convivência do Idoso, que atende 300 idosos com alimentação diária, programas culturais, assistência médica, dentária e serviços funerários, bem como uma escola de arte.

Alguns aspectos do Teatro São José:

- **Evolução funcional, construtiva e formal:**
O teatro inicialmente era uma nave única e posteriormente se agregaram os dois balcões, o palco, camarins, e outras dependências, entretanto que no resto do conjunto se foram realizando obras desordenadamente o que trouxe um caos espacial e má qualidade construtiva do conjunto expressado fundamentalmente na fachada oeste, acesso do Museu do Maracatu.

- **Análises dos elementos componentes da edificação:**

A edificação se encontra composta por uma nave em forma retangular, com pé direito duplo, balcão, saguão de acesso, e palco. Os balcões de formas bem simples apóiam em colunas, tendo forma de ferradura, a coberta de armaduras de madeira que cobrem totalmente o espaço são apoiadas nos muros de carga exteriores com grande simplicidade deixando a telha à vista. Os balcões totalmente de madeira (varanda, estrutura, piso). Toda a platéia é rodeada de portas-janelas de altura considerável o que permitia uma ótima ventilação e iluminação. A ornamentação exterior é simples lhe dá grande elegância às fachadas do Teatro.

- **Análises da estrutura e Possibilidades de recuperação:**

A estrutura em linhas gerais se encontra em bom estado, precisando de manutenção geral e revisão em alguns pontos. O Circulo Operário necessitará de projeto de Restauração completo para cumprir com as novas necessidades. Quanto aos seus critérios específicos de recuperação eles se dividem em:

- a) Manutenção geral das fachadas: rebocos, limpeza, reconstrução de molduras, frisos, ornamentos, etc.
- b) Recuperação de portas, janelas e grades originais.
- c) Revisão e recuperação de pontos de drenagem pluvial.
- d) Revisão de coberta.
- e) Abertura de vãos originais segundo projeto.
- f) Demolição de agregados segundo projeto.
- g) Recuperação de cores originais.
- h) Recomposição formal do Círculo Operário recuperando portas e janelas, dando uma leitura coerente a sua fachada, até a restauração geral.
- i) Recompôr o jardim.

- **Ficha Técnica**

Teatro São José. Circulo Operário (Museu do Maracatu)

Localização: Rua Rufino de Alencar Nº 363. Praça do Cristo Redentor. **Uso atual:**

Teatro, Museu. **Uso Original:** Circulo Operário. Teatro

Proprietário: Arquidiocese de Fortaleza. Atual: Centro dos Trabalhadores Cristãos

Autônomos de Fortaleza (CTCAF). **Época de Construção:** Século XX -1915. **Estilo**

Arquitetônico: Estilo Eclético. **Estado Atual da Construção:** A construção se

encontra em bom estado técnico, necessitando de manutenção geral a parte do

teatro, assim como de projetos de restauração integrados, para adaptar a infra-

estrutura às condições atuais e necessidades teatrais modernas. A área destinada a

Museu do Maracatu precisa de um projeto de restauração e readaptação às novas

necessidades, incluindo o projeto museológico e museográfico. Quanto ao seu

grau de Conservação: A fachada principal do teatro, fachada leste, se encontra em

bom estado, foi recuperada em 1994 quando se realizou por parte da Prefeitura

Municipal obras de reparação total. A fachada sul do teatro está em bom estado,

mais com algumas modificações principalmente nos elementos de carpintarias

(portas e janelas), que foram recortadas. As fachadas Norte e Oeste são as que se

encontram mais deterioradas e transformadas, dando um aspecto de abandono ao

conjunto.No que se refere ao seu grau de proteção / 1. Tombado pela prefeitura

Municipal de Fortaleza pela lei Nº 6318 de 1 de Julho de 1988.

Valores principais do Monumento: O Teatro São José com capacidade para 530

pessoas, localiza-se na Praça Cristo Redentor, no centro da cidade de Fortaleza.

Apresenta dois blocos separados por um pátio interno, um o Teatro e outro o Círculo

Operário. O Teatro apresenta planta retangular com solo um andar expressado em

fachada de linhas ecléticas. Na fachada sul está o acesso principal com um hall de

entrada, e escadas de madeira para subir a os balcões. Os balcões foram

construídos posteriormente, mais dão ao espaço interno uma majestuosidade maior,

além de contribuir com a capacidade e funcionalidade como sala de Teatro, que

entre tanto pequena, a cumpriu historicamente seu objetivo dentro da programação

cultural da cidade. Quanto a sua descrição arquitetônica: Nos princípios do Século

XX o Teatro São José sempre representou um ícone para cidade. Construído por

operários, foi ganhando um espaço na vida cultural da cidade.

Primeiramente uma nave com grandes portas-janelas rodeando o edifício, permitindo uma excelente ventilação e iluminação interna assim como uma relação com a praça, onde se encontra, (Praça do Cristo Redentor), e onde em 1922 foi erigido o Monumento do Cristo Redentor, Homenagem do Circulo Operário ao centenário da Independência do Brasil em 1922. O edifício foi transformando-se em teatro, agregando balcões, escadas de madeira, palco, camarins etc. O prédio do circulo Operário também se foi ampliando, e inversamente ao Teatro, sofrendo transformações que foram degradando ainda mais seus espaços interiores, com construções improvisadas.



Figura 4

<http://www.ofipro.com.br/>

É importante ressaltar que o Patrimônio é a nossa herança do passado, com que vivemos hoje, e que passamos às gerações vindouras.

6 METODOLOGIA

A Metodologia é o estudo dos métodos. Ou então as etapas a seguir num determinado processo. Tem como finalidade captar e analisar as características dos vários métodos disponíveis, avaliar suas capacidades, potencialidades, limitações ou distorções e criticar os pressupostos ou as implicações de sua utilização.

Esta pesquisa é de caráter exploratório, cujo objetivo básico é a ampliação do conhecimento do pesquisador sobre o assunto de sua pesquisa, na busca de “desenvolver hipóteses, esclarecer e modificar conceitos e idéias pré-estabelecidas, visando à formulação de problemas mais precisos ou ainda levantar hipóteses para estudos futuros” (TRIVIÑOS, 1987, p. 109).

Para Santos (2001, p. 26) a pesquisa exploratória define-se como:

Explorar é tipicamente a primeira aproximação de um tema e visa criar maior familiaridade em relação a um fato ou fenômeno. Quase sempre busca-se essa familiaridade pela prospecção de materiais que possam informar ao pesquisador a real importância do problema, o estágio em que se encontram as informações já disponíveis e respeito do assunto, e até mesmo, revelar ao pesquisador novas fontes de informação.

Portanto define-se esta pesquisa como sendo de natureza exploratória, pois busca investigar as características da arquitetura como fonte de informação, a qual é feita através de fontes bibliográficas e documentais.

A pesquisa é bibliográfica, para a fundamentação do arcabouço teórico. “É o ponto de partida de toda a pesquisa, levantamento de informações feito a partir do material coletado em livros, revistas, jornais, artigos, sites da internet e outras fontes escritas devidamente publicadas”. (BOENTE, 2004, p. 11)

É também documental, pois utiliza documentos que nos remetem a fatos históricos que contribuem para o seu desenvolvimento. Segundo Boente (2004, p.12), pesquisa documental é a que, “se desenvolve a partir da consulta a

documentos e registros que confirmam determinado acontecimento”.

Quanto ao seu delineamento a pesquisa caracteriza-se como do tipo qualitativa, pois estimula o indivíduo a pensar livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Ela faz emergir aspectos subjetivos e atinge motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de maneira espontânea. É usada quando se busca a percepção e o entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação. Boente (2004, p.12) confirma esse dito ao afirmar: “na pesquisa qualitativa, muito comum nas ciências sociais e humanas, estabelecem-se qualidades a serem medidas. São consideradas as questões da pesquisa”.

Utiliza-se do método dialético, pois, “considerando que toda verdade é provisória e reformável, é importante que o cientista ou pesquisador tenha sempre um pensamento dialético, pois o homem só avança quando se esforça para superar a si próprio” (PARRAFILHO, 1998, p. 58). Deste modo as coisas não são analisadas como estáticas, mas em constante movimento, logo, nada estará definitivamente acabado, mas sempre em transformação, demonstrando que o fim de determinado processo implica sempre no começo de outro.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados são as fontes bibliográficas e as documentais mencionadas anteriormente, com o objetivo de levantar opiniões sobre a arquitetura do patrimônio histórico-cultural como fonte de informação. O campo de pesquisa é a arquitetura de Fortaleza; em específico, os patrimônios representados pelo Estoril e Teatro São José.

Segundo Chartier (1990), é possível identificar pelo estudo das representações, vestígios da história de um povo, como também de sua cultura. Portanto, é possível evidenciar os aspectos da arquitetura como fonte de informação, sua capacidade de resgate da memória, contribuindo para a comunicação entre os patrimônios Estoril e Teatro São José com o coletivo.

7 ANÁLISE DOS DADOS

Existem, segundo Bogdan e Byklen (1994), Tuckman (2002) e Quivy e Campeñihoudt (2003), três grandes grupos de métodos de recolha de dados que se podem utilizar como fontes de informação nas investigações qualitativas: (a) a observação; (b) o inquérito, o qual pode ser oral -entrevista - ou escrito - questionário; e (c) a análise de documentos.

O fato de o investigador utilizar diversos métodos para a recolha de dados permite-lhe recorrer a várias perspectivas sobre a mesma situação, bem como obter informação de diferente natureza e proceder, posteriormente, a comparações entre as diversas informações, efetuando assim a triangulação da informação obtida.

Deste modo, a triangulação é um processo que permite evitar ameaças à validade interna inerente à forma como os dados de uma investigação são recolhidos.

A análise de documentos, seguida na maioria das investigações educacionais, pode ser usada segundo duas perspectivas:

- a) servir para complementar a informação obtida por outros métodos, esperando encontrar-se nos documentos informações úteis para o objeto em estudo;
- b) ser o método de pesquisa central, ou mesmo exclusivo, de um projeto e, neste caso, os documentos são o alvo de estudo por si próprios (Bell, 1993).

Para se abordar a "análise documental" importa clarificar alguns conceitos como dado, documento e análise:

- Dado - "Um dado suporta uma informação sobre a realidade, implica uma elaboração conceitual dessa informação e o modo de expressá-la que possibilite a sua conservação e comunicação" (Flores, 1994, p. 16).
- Documento - impressão deixada num objeto físico por um ser humano e pode apresentar-se sob a forma de fotografias, de filmes, de diapositivos, de endereços eletrônicos, impressa (a forma mais comum), entre outras (Bell, 1993).
- Análise - em investigação educativa, de uma forma geral, consiste na detecção de unidades de significado num texto é no estudo das relações entre elas e em

relação ao todo (Flores, 1994).

Relacionando os três conceitos, num contexto de investigação educacional, pode afirmar-se que os documentos são fontes de dados brutos para o investigador e a sua análise implica um conjunto de transformações, operações e verificações realizadas a partir dos mesmos com a finalidade de se lhes ser atribuído um significado relevante em relação a um problema de investigação (Flores, 1994)

A análise de documentos pode, então, ser interpretada como sendo constituída por duas etapas: uma primeira de recolha de documentos e uma segunda de análise, como a análise de conteúdo. A localização dos documentos é muito variada e, geralmente, é a própria natureza do estudo que orienta o investigador para determinadas fontes, como institutos nacionais de estatística, bibliotecas, arquivos e bancos de dados, actas de reuniões entre os organismos em estudo, jornais de escola, documentos produzidos pelo professor e pelos alunos, e muitas mais. Quanto à natureza dos documentos estes podem ser classificados em fontes primárias ou em fontes secundárias.

- Fontes primárias - produção de documentos efectuada durante o período a ser investigado, como por exemplo manuscritos, leis, atas de reuniões, memorandos, biografias, filmes, pinturas, entre outros;
- Fontes secundárias - interpretações de eventos do período em estudo, baseadas nas fontes primárias, como por exemplo enciclopédias, réplicas de objetos de arte, manuais escolares, ou mesmo a história de uma escola escrita a partir de atas de reuniões gerais. Previne também para o fato de as fontes secundárias terem um carácter limitativo uma vez que resultam da passagem de informação de uma pessoa outra, ou de interpretações de várias pessoas.

A distinção entre fontes primárias e secundárias pode ser complicada uma vez que, consoante o contexto ou ponto de vista, o mesmo documento pode ser entendido ora como fonte primária ora secundária (Marwick, 1989, citado em Bell,

1993).

A questão da natureza dos dados documentais prende-se, ainda, a duas variantes mais freqüentemente utilizadas em investigação: a recolha de dados estatísticos e de documentos de forma textual (Quivy & Campenhoudt, 2003). Cada uma destas variantes implica diferentes processos de validação de dados que serão discutidos mais à frente.

Cabe aqui analisar as informações obtidas através dos documentos (livros, textos, artigos, periódicos e da pesquisa telematizada) sobre a Arquitetura como fonte de informação histórica, tendo como foco principal os patrimônios Estoril e Teatro São José que fazem parte do conjunto arquitetônico da cidade de Fortaleza.

A respeito do primeiro, Estoril, coletou-se informações acerca de sua história, tendo em vista suas modificações no decorrer do desenvolvimento da cidade na qual esta inserido, levando em consideração que o mesmo é Patrimônio tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). No local, respira-se história, sendo dessa forma reconhecido como co-participante do desenvolvimento histórico da sociedade de Fortaleza, associando-se a história cultural que norteia e agrega novos valores, costumes e hábitos que decorrem na evolução, social e cultural da cidade sendo atuante primordial no complexo dos padrões de comportamento das manifestações artísticas e intelectuais, transmitidos coletivamente, e típicos da sociedade.

No que se refere ao segundo objeto estudado, o Teatro São José, os dados obtidos nos remetem a aceitar como verdade que história e arte caminha lado a lado rumo ao progresso como participantes na construção da história artística e cultural da sociedade antiga e atual. Sob este aspecto, o Teatro São José traz em sua imagem referências históricas do meio em que o indivíduo está integrado, sendo assim palco das transformações ocorridas durante a trajetória histórica que impulsionou na expansão cultural, social, artística e histórica da cidade de Fortaleza.

Tais informações, coletadas e analisadas nesta pesquisa, tanto no âmbito bibliográfico quanto documental nos levam a evidenciar as vantagens e limitações da pesquisa e análise documental.

A análise e pesquisa de documentos apresentam várias vantagens:

a) permite evitar o recurso abusivo às sondagens e aos inquiridos por questionário

(Quivy & Campenhoudt, 2003);

- b) os documentos, geralmente, podem obter-se gratuitamente e a baixo custo
- c) os documentos proporcionam informações sobre ocorrências passadas que não se observaram ou assistiram

Quanto as suas limitações podem ser mencionadas:

- a) nem sempre ser possível o acesso aos documentos (Quivy & Campenhoudt, 2003);
- b) os documentos podem não conter toda a informação detalhada
- c) os documentos podem ter sido forjados, alterados, falseados
- d) muitas vezes os investigadores não explicitam as ferramentas conceptuais e lógicas que usaram para chegar a determinadas conclusões sobre a realidade educativa estudada (Flores, 1994)

Desse modo, a intenção real do estudo foi alcançada com base nos tipos de pesquisa escolhidos, que implicam na confirmação dos patrimônios histórico e cultural, Estoril e Teatro São José, como referencias históricas e, conseqüentemente, fontes de informação verossímeis que traduzem a historia da cidade de Fortaleza

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo propiciou melhor compreensão, sobre Fonte de Informação, realçando-se aspectos relevantes da história da cidade de Fortaleza, em especial, o Estoril e o Teatro São José como fontes de informação centralizadas como objeto maior desta investigação.

Inferre-se que a imagem representada através de uma obra arquitetônica autoriza automaticamente, a fazer-se leituras diversas diante das muitas informações que podem ser extraídas a partir do olhar sobre o local, e o contato, ensejando significações, que a caracteriza como fonte de informação e que se constata no decorrer do estudo.

Considera-se a importância deste trabalho para as Ciências Humanas, nas áreas de História, Ciência da Informação e Arquitetura. Todo esse processo de construção da história de uma cidade requer conhecimentos e informações, que só poderão ser executadas e discutidas a partir de leituras.

Espera-se, com esta pesquisa, contribuir com as reflexões já existentes acerca da imagem arquitetônica enquanto referência cultural e social, haja visto o impulso e a importância do estudo para instituições culturais e os pesquisadores.

Conclui-se então, que a arquitetura de uma cidade é uma fonte de informação, rica em nuances, de ordem histórico-cultural e social, possibilitando através do estudo indicar, que os patrimônios Estoril e Teatro São José constituem-se num recorte vivo através do qual vem à tona os atores sociais de uma época, suas referências, seus feitos, sua vida, enfim...

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Edigar de. **Fortaleza de ontem e de anteontem**. Fortaleza: Ed. UFC; Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1980.
- ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. A construção social da informação: dinâmicas e contextos. **Datagramazero: Revista de Ciência da Informação**. v.2, n.3, out.2001.
- BARTHES, Roland. **A Aventura semiológica**. Lisboa: Edições 70, 1987.
- BELL, J. **Como realizar um projeto de investigação**. 3.ed. Lisboa: Ed. Gradiva, 1993
- BOENTE, Alfredo. **Metodologia científica contemporânea para universitários e pesquisadores**. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.
- CAMPELLO, Bernadete dos Santos. **Fontes de Informação Especializada: características e utilização**. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1993.
- CASTRO, César Augusto. (Org.) **Ciência da Informação e Biblioteconomia: múltiplos discursos**. São Luís: EDUFMA, 2002.
- CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; BEZERRA, José Arimatea Barros (Org.). **Biografias, instituições, idéias, experiências e políticas educacionais**. Fortaleza: Ed. UFC, 2003.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CHAVES, Gylmar; VELOSO, Patrícia; CAPELO, Peregrina(Org.). **Ah! Fortaleza**. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2006.
- COLIN, Silvio. **Uma introdução à Arquitetura**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2000.
- CRUZ, Carla; RIBEIRO, Uirá. **Metodologia científica: teoria e prática**. Rio de Janeiro: [s.n], 2003.
- FAZENDA, Ivani C. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 1995.
- FERRARA, Lucrecia D' Aléssio. **Ver a cidade: cidade, imagem e leitura**. São Paulo: Nobel, 1988.
- FLORES, J. **Análise dos dados qualitativos: aplicação na investigação educativa**. Barcelona: Ed. PPU, 1994.
- GIRÃO, Raimundo. **Fortaleza e a crônica histórica**. Ed. Especial. Fortaleza: Imprensa universitária; Casa José de Alencar, 2000.

HOBBSAWM, Eric. O sentido do passado. In:_____.**Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Cap. 2, p. 22-35.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JOLY, Martine. **Introdução a análise da imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1999)

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é Patrimônio histórico**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é Arquitetura**. 4. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MIRANDA, Antônio. **Ciência da Informação: teoria e metodologia de uma área em expansão**. Brasília: Thesaurus, 2003.

PARRAFILHO, Domingos; SANTOS, João Almeida. **Metodologia científica**. 3.ed. São Paulo: Ed. Futura, 1998.

PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. Bibliotecas virtuais: realidade, possibilidade ou alvo de sonho. In:_____.**Ciência da Informação**, Brasília, DF, 1995.

QUIVY, R. CAMPENHOUDT, L. **Manual de investigação em ciências sociais**. 3.ed. Lisboa: Ed. Gradiva, 2003

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SANTAELLA, Lúcia. **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Pioneira, 2000.

SANTOS, Antônio Raimundo. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 4.ed. Rio de Janeiro. Ed. DP&A, 2001.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 41-62, jan./jun.1996.

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macedo e. **A Cidade e o patrimônio histórico**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003.

SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro(Org.). **Fortaleza**: história e cotidiano. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução em ciências da sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.